

Passeando pela vida

Lições Introdutórias de Pré-Filosofia

Lúcio Packter



Lúcio Packter tem feito palestras em Faculdades de Filosofia, mensalmente durante os últimos anos. Desde 1998 esteve como convidado em muitas Universidades e Faculdades no Brasil e no exterior.

Em suas palestras sobre Analítica de Linguagem, Lógica, Filosofia Clínica e Epistemologia, colegas e estudantes de outras áreas sugeriram que escrevesse de um modo simples, para interessados no assunto, algo que explanasse a Filosofia, não a Filosofia Clínica. Um livro que trouxesse parte de um senso comum amplo, uma Filosofia bruta. Talvez sem imaginar a dificuldade que um pedido dessa natureza traz a um filósofo.

Este pequeno livro busca trazer luzes às perguntas, procura mostrar o quanto de pré-juízos e vida palpitam na Filosofia (ou pré-Filosofia?), procura manter-se convenientemente longe das respostas de rotina, a não ser quando as encontra no caminho. Um breve Tratado sobre Filosofia.

Lúcio Packter

Passeando pela Vida

Lições Introdutórias de Pré-Filosofia

© de Lúcio Packter, 1999

Instituto Packter

Cel. Lucas de Oliveira, 1937, conjuntos 301,302,
303, 304 90460-001 - Porto Alegre - RS -
Brasil

Fone (51) 3330-6634
www.luciopackter.com.br

PROJETO GRÁFICO
Paulo Silveira

REVISÃO *Dacio*
Luiz Osti

FICHA CATALOGRÁFICA

*Catálogo na fonte pela Biblioteca Pública do
Estado de Santa Catarina*

P119p Packter, Lúcio
Passeando pela Vida / Lúcio
Packter. — Florianópolis :Garapuvu,
1999. 140p.

1. Filosofia I. Título.

CDD- 18.ed.
100

ISBN 85-86966-11-8

Todos os direitos reservados à
ANFIC, doados pelo
autor.

WWW.FILOSOFIACLINICA.COM.BR

TÍTULO ORIGINAL – PASSEANDO PELA
VIDA – LIÇÕES DE FILOSOFIA

Sumário

| | |
|--------------------------------------|----|
| Introdução..... | 7 |
| Alfred North Whitehead | 9 |
| Arme Frank..... | 11 |
| Bernard Shaw | 12 |
| Bernard Shaw e Churchill..... | 14 |
| Bertrand Russell..... | 16 |
| Bruno Bettelheim..... | 18 |
| Carnaval | 20 |
| Carta de Epicuro | 22 |
| Cecília Meireles..... | 24 |
| Cícero..... | 26 |
| Cioran..... | 28 |
| Deleuze | 30 |
| Depois de Brecht..... | 31 |
| Dostoiévski..... | 33 |
| Drogas | 35 |
| Elisabeth Roudinesco..... | 37 |
| Emma Jung e Existencialismo | 39 |
| Ensino e Dimenstein | 41 |
| Epicuro | 43 |
| Ernst Cassirer | 45 |
| Escócia e as coisas como se vão..... | 47 |
| Ferdinand de Saussure | 49 |
| Fernando Pessoa..... | 51 |
| Filosofia do Corpo | 52 |
| Filosofia e Religião..... | 54 |
| François Mitterrand | 56 |
| Glauber Rocha e Godard | 58 |
| Gonçalves Dias | 60 |

| | |
|-------------------------------|-----|
| Hans-Georg Gadamer..... | 62 |
| Hegel & Kierkegaard..... | 64 |
| Hélio Pellegrino..... | 66 |
| História e Historicidade..... | 68 |
| Início de inverno..... | 70 |
| Jacques Derrida..... | 71 |
| Jean-Paul Sartre..... | 73 |
| José Saramago..... | 75 |
| Jiirgen Habermas..... | 77 |
| Karl Popper..... | 79 |
| Kierkegaard..... | 80 |
| Machado de Assis..... | 82 |
| Manuel Bandeira..... | 84 |
| Mário de Andrade..... | 86 |
| Mário Quintana..... | 88 |
| Millôr Fernandes..... | 90 |
| Noam Chomsky..... | 92 |
| Norberto Bobbio..... | 94 |
| Oliver Sacks..... | 96 |
| Os sem..... | 98 |
| Oscar Niemayer..... | 100 |
| Pablo Neruda..... | 102 |
| Pajé Ariúka..... | 103 |
| Pascal..... | 105 |
| Pasternak sobre Tchecov..... | 107 |
| Paulo Francis..... | 109 |
| Paulo Freire..... | 112 |
| Paulo Leminski..... | 114 |
| Política..... | 116 |
| Políticas..... | 118 |
| Primo Levi..... | 120 |
| Salinger..... | 122 |
| Sarney..... | 124 |
| Sartre cansado..... | 126 |
| Sem-terra..... | 127 |
| Spinoza..... | 129 |
| Tempo..... | 131 |
| Uma fábula..... | 133 |
| Umberto Eco..... | 135 |
| Victor Frankl..... | 137 |
| Wittgenstein..... | 138 |

Introdução

A maior parte destes escritos estava em velhos jornais enrolados em papei de embrulho, atados por cordões de lã, e tudo empoleirado no fundo de prateleiras escuras e cheias de pó. Isso em algum lugar dos arquivos da Biblioteca da Universidade do extremo sul catarinense.

São escritos que foram publicados no "Jornal da Manhã" e no "PONTA NEWS", pequenos jornais do litoral sul catarinense.

No começo, pegava um toco de lápis e escrevinhava muito à vontade, ouvindo os pequenos estalidos da lenha na lareira. Abria uma boa garrafa de vinho, às vezes uma outra, e me deixava apontar no papel as coisas que vinham. A ideia era passar em poucas linhas algo que descobri lendo os filósofos, e também talvez, em alguns casos, convidar quem estivesse interessado a continuar descobrindo as coisas, mais profundamente. Muitas vezes, foi assim que aconteceu.

Este não é um livro para filósofos.

Este é um pequeno livro de apresentação à Filosofia. Traz parte do pensamento popular, parte do que vai levar à Filosofia, parte do que faz a necessidade de existir a Filosofia Clínica.

Lúcio PACKTER

Alfred North Whitehead

De vez em quando os filósofos visitam a matemática, quase sempre sem pressa, mas quase sempre alucinando o que os números empilhados fazem crer.

Por que será?

Nem mesmo Alfred North Whitehead escapou dessa, quando discutiu a função da razão.

A função da *razão* em Whitehead é uma coisa antibiótica que vai esterilizar e garantir a vida, a arte da vida, e não a vida dos mais aptos... que raramente são os filósofos.

A razão é vista como sinónimo de um bem que previne o caos e a decadência. Aliás, a própria razão se encarrega de englobar o caos e parece fazer caridade quando o "promove" a arte. E isso que Whitehead, civilizado que era, não queria afrontar ninguém com isso.

Que outra visão nos poderia ser oferecida do ponto de vista da matemática?

Um mundo educado, penteado, limpo, aberto a ser explicado e dócil às regras, um mundo que quando se afasta da "causa e efeito" se despenteia ao vento.

Caos, portanto.

Em Whitehead, nesse sentido, caos e degradação, declínio e decadência, as coisas todas andam bem próximas.

A razão no cabresto é historicamente uma *razão* doutrinada que se acostumou a tomar *tegretol para* controlar seus impulsos.

Foi mais ou menos assim que se tornou tão matemática.

Anne Frank

Anne Frank escreveu assim: — *"Por que me comporto eu, sempre, de modo diferente do que devo, em companhia dos outros? Por que confiamos tão pouco uns nos outros? Bem sei que alguma razão deve haver"*.

Escreveu isso num sábado de 1944.

Não sei se funciona para todos como Anne contou, mas sei que ela tinha motivos para pensar do jeito como escrevia.

Como é que a gente vai abrir a face e o peito para quem espera apenas por isso para acabar com a última gota de esperança, hein? Isso é esquisito para pessoas como Anne.

O coração em ordem, em dia, tende a ser seletivo em nossos dias. Só entra em dissabores se apreciar. Grosseiramente, há quem procure apanhar da vida para ser feliz. E quem precisa bater. Tem de tudo um pouquinho.

Não posso dizer que é regra, mas é comum que cada um receba mais ou menos o que o coração está preparado para receber e isso pode ser independente do palavreado.

Algumas pessoas vivem na observância da possibilidade do viver e não o que desejam viver. Anne Frank, por exemplo.

Bernard Shaw

Bernard Shaw, em seu escrito "*Homem e Super-Homem*", confere alguns conselhos aos revolucionários. Em um ano de eleições, fazem a gente pensar. Aqui vão 10 pequenos conselhos de Shaw:

"1. São igualmente idólatras aqueles que matam um rei e aqueles que morrem por ele.

2. O cérebro de um tolo digere a Filosofia em tolice, a ciência em superstição, a arte em pedantismo. Daí, a educação universitária.

3. Os títulos distinguem o medíocre, em baraçam o superior e são desonrados pelo inferior.

4. Cuidado com o homem cujo deus está no céu.

5. O amor ao jogo limpo é uma virtude do espectador, não do jogador.

6. No céu, um anjo não é particularmente ninguém.

7. Um homem moderadamente honesto, com uma esposa moderadamente fiel, ambos bebem-

do moderadamente, numa casa moderadamente saudável: eis a verdadeira célula da classe média.

8. Os que chamamos brutos foram vinga dos quando Darwin nos mostrou que eles são nossos primos.

9. O jogo promete aos pobres o que a propriedade dá aos ricos; eis por que os bispos não ousam denunciá-lo afundo.

10. A juventude, a qual tudo se perdoa, não perdoa nada a si mesma; a idade, que tudo perdoa a si mesma, não é perdoada em nada".

Bernard Shaw e Churchill

Uma peça de estreia de Bernard Shaw, em Londres, era sempre a chance da *society* de ver e ser vista. Tinha também quem gostasse de teatro.

Shaw pegou um papelzinho e escreveu um bilhete para Churchill:

"Se é que você tem ao menos um amigo que gosta de teatro, traga-o para assistir à apresentação de minha peça".

E o premiê:

"Agradeço o amável convite, mas não poderei ir. Se é que sua peça terá uma segunda apresentação, eu irei" - e rubricou.

Em seu livro de memórias, editado pela Nova Fronteira, 1193 páginas, Churchill conta o primeiro encontro entre Hitler e Mussolini.

Foi em Veneza.

Mussolini ficou muito impressionado com o jeito do outro e confidenciou a um ajudante:

— *Non me piace.*

Achava Hitler um monge tagarela, coisa que indicativamente ele também era, mas de outra forma. Churchill era feito de outro material.

Os ingleses são habituados ao empirismo de Hume e de Locke. Só aceitavam blá-blá-blá na poesia. Todo o resto foi deixado na Alemanha em forma de metafísica.

Quando precisou defender a própria casa, Churchill passou o ferrolho na porta e preparou o canhão.

Então, você acha que ele injetaria uns 4bi para salvar o Banco Nacional, como estamos acostumados a fazer, mesmo sabendo que a turma cairia de pau nele, ou esperaria que um milagre o livrasse do que houve na Venezuela?

Tem remedinho que parece amargo e por vezes é a indicação.

Bertrand Russell

Bertrand Russell falava que se perguntássemos a uma pessoa (referia-se aos EUA) o que interfere mais com o prazer de estar vivo, a resposta seria: "*a luta pela vida*".

Mas Russell constata que poucos daqueles que - por exemplo - lêem este escrito têm chance de morrer de fome. E o que acontece, em verdade, é que a tal da luta pela vida quer significar "*luta pelo sucesso*".

A partir daqui o filósofo é contundente.

Confusões com o que alimenta, com o que é factual, com o que afirma e nega.

Russell diz (usando aqui analogias, está bem?) que o sujeito não sabe da própria mulher, tem conversas íntimas com a TV... a música, os livros, as viagens são cansativas, os anos tornam-se cada vez mais iguais e as colheitas nos campos são vistas pelos gráficos da Bolsa.

"... o dinheiro é aceito como uma medida da inteligência. O homem que conseguiu ganhar uma porção de dinheiro é tido como um indivíduo esperto..." - diz Russell.

E então aponta o que é fundamental nesta coreografia: a exaltação ao êxito na competição como critério de felicidade.

A consequência é evidente em toda a imensa estupidez à mostra. Os nervos ficam em frangalhos, a alma se esvazia, o trabalho e a vida ficam envenenados.

Bruno Bettelheim

Bruno Bettelheim foi psicanalista de crianças. Morava em uma linda casa na praia, costa oeste dos EUA.

Morreu a mulher de sua vida, brigou com a família, teve um derrame e foi parar em um asilo para velhos em Silver Spring.

Contou a Ekstein, seu melhor amigo: *"Quando a dor é muito grande, o homem tem direito de fazer como Sócrates e tomar cicuta"*.

Tomou uma dose fatal de soníferos e dormiu para sempre...

Pois é.

... fuga e covardia, dor e alívio, sabedoria, amor, reflexão, quem poderá dizer ao certo o que leva uma pessoa ao suicídio?

A teoria é ampla, variada: do pecado à loucura.

Na prática pode ser que estejamos diante de algo mais simples. Talvez cada um saiba de suas dores e escolha se vai continuar vivendo ou não.

Quando os jornalistas infernizaram a vida de Althusser para que se soubesse o que houve, ele dizia sempre:

— *Estive doente* - e sumia rapidinho, porque certas coisas são fáceis de se sentir e difíceis de explicar.

... a vida pode se tornar inviável a quem a vive.

A inviabilidade dependerá de quais fatores? Viver e morrer depende às vezes de cada um.

Não se trata de defesa ou ataque a um posicionamento, mas de defender uma escolha que se anuncia pela vida. Quem sabe da minha vida sou eu, porque somente eu posso vivê-la?

Carnaval

Tem gente desinteressante que fica muito melhor em festas. Essas gentes se fantasiam de interessante e assim passam a atrair quem se ocupe delas.

O Carnaval também é uma ocasião para se encontrar pessoas que durante o ano inteiro andaram sumidas, muitas vezes graças a Deus.

É curioso que certas pessoas só sejam nossas amigas durante o Carnaval; na Quarta-feira de Cinzas elas se transformam em abóbora e somem até o próximo...

As quatro noites de agito desmascaram muitos e confirmam outros... Por exemplo, às vezes, reparando bem, um conhecido fica tão bem de odalisca que já não se pode pensar nele de outra maneira.

E há pessoas que passam o ano fantasiadas para somente no Carnaval poderem mostrar o que são.

É uma festa pagã em que as proibições são afrontadas, sempre com a promessa de que, se as coisas forem muito longe, tudo não será mais do que brincadeira. Há uma espé-

cie de negociação entre proibições e brincadeiras, negociação nem sempre amistosa.

H. Bergson, filósofo francês, estudou a capacidade do riso para diminuir o sofrer e as desgraças pessoais de um modo geral. Isso, por si somente, já recomendaria muitos Carnavais durante a vida.

Carta de Epicuro

Existe uma antiga carta que Epicuro escreveu a Meneceu, um de seus alunos. É lá se vão anos até 300 antes de Cristo. Na carta, Epicuro fala das coisas de sempre, e então a morte.

"A morte não significa nada para nós, justamente porque, quando estamos vivos, é a morte que não está presente; ao contrário, quando a morte está presente, nós é que não estamos. A morte não é nada nem para os mortos... que não estão mais aqui."

Epicuro não está fazendo gracejos, como pode parecer.

Ele está falando apenas que as coisas agradáveis e desagradáveis da vida habitam as sensações e que a morte é exatamente a privação disso.

Enquanto vivemos, Epicuro acreditava que o jeito era filosofar.

Não existe outro jeito para se alcançar uma saúde da mente e do corpo que seja ao menos razoável.

O próprio Epicuro foi certamente exemplo

de suas próprias palavras... vivendo nos arredores de Atenas, com discípulos e colegas (Metrodoro, entre outros). Alimentavam-se do que plantavam e viviam da Filosofia tanto quanto se pode viver.

Epicuro morreu em 270 a. C, aos 72 anos.

Pouca vez se sabe de um filósofo tão bem-aventurado.

Cecília Meireles

Há um tipo de mulher que passa suavemente pela vida da gente deixando coisas que vão melhorando com o tempo. Cecília Meireles, por exemplo. Linda e triste em verso e em pele.

Cecília era aquela mulher que um homem vai amando devagar e por toda a vida, sem pressa, mas também sem dor.

"Não sou alegre nem sou triste: sou poeta" - dizia.

E sua vida nos disse o contrário.

Porque ela bordou de mil maneiras mais lindas que *"meu coração, coisa de aço, começa a achar um cansaço esta procura de espaço"*. A cada metro de poema a gente vai tropeçando nisso que ela vai negando e mostrando, só para a gente duvidar.

Cecília pode nos deixar cecilianamente pensando sobre esses amores que às vezes a gente espera por toda uma vida, que quando enfim chegam parecem que já vão embora.

Lygia Fagundes Telles disse que Cecília *"olhava para as pessoas como se estivesse se despedindo"*.

Aquele olhar espírita de quem não é deste mundo.

Tenho uma foto dela que guardo em seu "*Flor de Poemas*". Uma foto e tanto - que me complica quando tento entendê-la nos versos. A Cecília da foto me mente na hora dos versos. E quando acredito nos versos, fico sem jeito com a foto, e isso tem sido assim sempre.

Cícero

Já vão mais de dois mil anos, desde que Cícero escreveu sobre a velhice. Escreveu coisas que a Previdência Social poderia observar.

A população do planeta está envelhecendo e em breve talvez a gente viva entre muitos velhos e poucos jovens.

O filósofo logo avalia a bobagem que é o afastamento do trabalho, afinal sempre existe algum trabalho que pode ser feito por um velho, ou não? Um trabalho que exija discernimentos que os hormônios de um jovem sequer admitiriam.

Quanto ao corpo, ora!

Há muito vigor em um velho corpo para até mesmo instruir os novos. Argumentam-se que *"a velhice é sem forças"*. Cícero coloca que *"ninguém exige dela ser fartei"*

Sobre os prazeres, o velho filósofo dizia que a velhice poupa o que a adolescência tem de pior. Um homem velho se poupará da devassidão, se não for por sabedoria e bom senso, por pura velhice. *"Em vez de censurar a velhice, devemos nos felicitar que ela não nos*

faça lamentar demais os prazeres. Ao renunciarmos aos banquetes, às mesas que desabam sob os pratos e as taças inumeráveis, renunciemos ao mesmo tempo à embriaguez, à indigestão e à insônia" - disse Cícero.

Sobre a morte, o filósofo lamenta que o tempo não ensine a algumas pessoas como se lida com ela. E depois, *"quem pode estar seguro, mesmo jovem, de estar ainda vivo até o anoitecer?"*.

Cícero termina com a mais sutil poesia: *"Quando a morte golpeia a juventude, a natureza resiste e se rebela. Assim como a morte de um adolescente me faz pensar numa chama viva apagada sob um jato d'água, a de um velho se assemelha a um fogo que suavemente se extingue"*.

Cioran

Vamos a alguns axiomas do filósofo romeno E. M. Cioran, morto recentemente:

- O espírito é o grande favorecido com as derrotas da carne. Enriquece-se à sua custa, a saqueia, regozija-se com suas misérias; vive do banditismo.

- Goethe, artista completo, é nosso antípoda.

- É inacreditável que a perspectiva de um biógrafo não tenha feito ninguém renunciar a ter uma vida.

- Só os maus poetas são livres.

- Essa necessidade de remorsos que precede o mal, ou melhor, que o cria...

- Entediar-se é mascar tempo.

- Tomo uma resolução de pé; deito-me e a anulo.

- Nada nos seduz tanto quanto a obsessão da morte; a obsessão, não a morte.

- A tristeza é um apetite que nenhuma desgraça satisfaz.

- Em contato com os franceses se aprende a ser infeliz gentilmente.
- O catolicismo só criou a Espanha para melhor sufocá-la.
- Às verdades do humanismo, a confiança no homem e no resto, só possui ainda um vigor de ficções, uma prosperidade de sombras.
- Ninguém pode conservar sua solidão se não sabe fazer-se odioso.
- Perdi em contato com os homens todo o frescor de minhas neuroses.
- Toda experiência profunda se formula em termos de fisiologia.
- Envelhecendo aprendemos a converter nossos terrores em sarcasmos.
- Que ninguém tente viver sem ter feito seu aprendizado de vítima.
- De tanto mudar de atitude em relação ao sol, já não sei mais como tratá-lo.
- Só os indivíduos rachados possuem abertura para o além".

Deleuze

Emmanuel Levinas:
"Rosto e discurso estão ligados".

Quem viu Deleuze antes de pular da janela, disse que o velho estava doente além do que se deve estar.

A janela estava aberta e ele pulou. Alguém escreveu que com ele pulou toda a geração de 68. Será mesmo? Deleuze não suportava mais a doença, estava ligado aos aparelhos e sofrendo muito, pulou e se estatelou. Talvez não tenha poesia nenhuma nisso.

Aqui no Portinho, um engraçado disse que é nisso o que dá misturar Filosofia e Psicanálise (referindo-se ao escrito *"O Anti-Édipo"*).

Puxa vida, como tem gente garganta!

... estou chateado por Deleuze, é claro.

Mas também me sinto magoado, uma sensação aqui complexa.

Tenho uma turma de alunos filósofos, gente que sabe reconhecer quando o telhado é de vidro, e que fez um silêncio muito respeitoso.

Depois de Brecht

Brecht chamava Hitler de pintor de paredes, em alusão a um certo passado artístico mal sucedido deste...

Não sei se o sindicato dos pintores chegou a se interessar pelo assunto.

"Que outros falem de sua vergonha, falo eu da minha" - escreveu Brecht.

É certo que cada um tem o PC Farias que merece ou que padece? Mas falar de suas vergonhas a quem saiba ouvir "pode" ser uma limpeza bem-vinda.

Estamos entendidos que eu disse *"a quem saiba ouvir"*.

Isso significa empatia e sinceridade, ao menos.

Longe de alguma mágica de salão, ninguém é mestre na arte de viver. Um dos muito bons caminhou até uma cruz e tem gente em Alagoas em alienação: sintoma de época.

A manutenção de uma imagem daquilo que não se é... ah, pode custar uma energia hitleriana. A pessoa pode ir perdendo o respeito por si mesma até acordar um

dia se perguntando o motivo de estar vivendo em uma lata do lixo.

...talvez não seja tão adequado ser boa esposa, bom marido, bom filho, tentar parecer sempre educado, correto ...talvez seja esta a melhor maneira de ser exatamente aquilo que não se deseja.

Lúcio PACKTER

Dostoiévski

Dostoiévski disse que o crocodilo engoliu o homem.
— *Ivan, meu querido marido, ainda está vivo?* - gritou a mulher de fora e de longe.

— *Sim, vivo e são... Há só uma coisa que me aflige: como é que os meus chefes consideram este contratempo?*

— *Meu querido, isso agora não interessa, o que é preciso é que te tirem daí!*

Contudo o dono do crocodilo foi dizendo que ninguém colocaria a mão no bicho, pois agora um monte de gente pagaria para vê-lo. E além do mais, não seria preciso alimentá-lo...

— *Tem razão* - disse Ivan lá de dentro, bem tranquilo.

E explicou que era melhor considerar primeiro o lado económico da coisa toda. A voz abafada dizia que: — *Na nossa época de crise comercial, é bastante difícil abrir a barriga do crocodilo sem ter de pagar uma indenização.*

Logo tudo se inverteu.

Passaram a sentir pena do crocodilo.

— *Que importa o fato de a piedade recair*

sobre este ou sobre aquele mamífero?...na Europa também se tempena dos crocodilos!

E é assim que milhões de Ivans continuam presos na barriga dos crocodilos que a gente sabe muito bem quais são, um por um.

Só que é muito chato pensar que talvez o Ivan não seja assim tão melhor que o crocodilo.

Quem é que sabe se no fundo eles não se merecem?

Há Ivans que apreciam viver das sobras que chegam ao estômago do bicho.

Drogas

As melhores propagandas a favor das drogas são feitas por pessoas que as atacam. Especialmente o modo ruim como o ataque é feito.

Reprimir, tornar ilegal, desacreditar, mostrar o pior, mostrar os efeitos pejorativos, isso é como combater o diabo mostrando o que ele tem de melhor.

E qual é o resultado que temos?

Se a ideia é que mais pessoas usem drogas, é só continuar fazendo o que já se faz. Está funcionando. Muitas pessoas estão se entupindo de cocaína, chocolate, anestésicos e soníferos, perfumes e tinturas, bebidas... porque é contraproducente este combater as drogas. As drogas são necessárias, fazem parte da vida, estão por quase toda a parte, tão enraizadas socialmente quanto Deus e o inconsciente. Elas vão continuar, de um jeito ou de outro.

Portanto, que tal ensinar como as pessoas podem utilizar as drogas? Ao comprar maconha, cafeína, analgésicos, sabonetes, a pessoa teria acesso às informações, contra-indicações, advertências e o resto. A pessoa

então saberia em quais momentos, e de qual maneira, seria mais adequado usar tal e tal produto. Não seria melhor?

Nada de policiais estourando bancas de drogas ilícitas, nada de bandidos, sequestros, metralhadoras, nada de hipocrisia barata e de gente querendo apagar incêndios fazendo fogueiras.

Imagino que sempre teríamos casos de excesso, acidentes, mas isso ainda seria melhor ao que estamos vivendo.

O modo como a droga vem sendo combatida é tão nocivo quanto o que se afirma dela. Causa quase tantos estragos quanto os que tentamos evitar, e não funciona. Gera desconfiança, corrompe indiretamente a ética pessoal, fecha portas que poderiam favoravelmente continuar entreabertas. Acredito que ainda temos tempo de mudar isso.

Elisabeth Roudinesco

Elisabeth Roudinesco era tida como historiadora até biografar Jacques Lacan. Depois disso, há controvérsias.

Seu livro sobre Lacan não foi lido e foi detestado por uma maioria de analistas, algo muito diferente da recepção de sua História da Psicanálise na França.

Roudinesco foi acusada de fazer fofoca por pessoas que, no mínimo, estavam fazendo exatamente isso em relação a ela. Afinal, ela pesquisou por mais de 15 anos milhares de documentos, mais as entrevistas, para razoavelmente evitar comentários menos históricos.

Em alguns centros de psicanálise, a leitura da biografia foi simplesmente proibida - para a delícia de outros.

Em tempo, o Lacan que aparece é alguém difícil de ser digerido por quem o estima. Um homem difícil, hostil ao humanismo politicamente correto. Um homem nietzscheano. E definitivamente alguém que coloca a Filosofia alemã na obra freudiana.

Roudinesco também deixa muito eviden-

te que obra e autor são coisas quebradas em Lacan, uma imagem que o espelho estranha. Isso faz incomodar quem acredita no contrário.

Ela reconhece as dificuldades de biografar Lacan. Trabalhou com relatos avulsos, textos soltos, informações às vezes torcidas.

A biografia saiu esburacada.

De qualquer modo, o livro faz merecer uma leitura.

Expõe toda a bobagem em torno de Lacan dita por muita gente que passou inacreditavelmente por autorizada. Deixa evidente o quanto de folclore se criou e mostra o inevitável encontro com um Lacan provável.

Um Lacan provável.

Pelas quantidades de documentos que faltam, não se pode ir além disso.

Emma Jung e Existencialismo

Sem saber que um dia viria a público, Emma Jung, mulher de Carl Jung, escreveu para Freud em novembro de 1911:

"...O senhor tem certeza de que seus filhos não poderiam ser ajudados pela análise?... Quando levantei essa questão, o senhor disse que não tinha tempo para analisar os sonhos dos seus filhos porque tinha que ganhar dinheiro para que eles pudessem continuar sonhando. O senhor acha correta essa atitude?"

Hoje se sabe que Freud estava brincando, por Peter Gay e Jones. Seu senso de humor era triste e grave.

Freud não tinha esperança de que as coisas se ajeitassem neste mundo. Com a grande guerra, ele passou a esperar ainda menos. Afinal, se os povos mais avançados trocavam socos, o que se poderia imaginar do resto?

A geração que seguiu foi ainda mais "deprê".

Todo o pensamento existencialista cabe aqui: nós estamos atirados ao mundo, entre-

gues a uma sorte que nós mesmos fazemos e, mais ou menos, atolados.

Assinado: Heidegger.

De Kierkegaard até quase Gabriel Marcel, muitos acreditavam no pior futuro Blade Runner possível.

Mas parece que o futuro aponta para Prozac, Realidade Virtual, aceleradores de partículas e outras luzes.

Fica parecendo que seremos salvos um segundo antes do Apocalipse por um estranho Deus chamado tecnologia.

Tenho para mim que talvez sejamos os deuses astronautas, serenos, mansos, e enfim, amorosos.

Talvez o pior já se foi.

Ensino e Dimenstein

Gilberto Dimenstein escreveu na *"Folha de S. Paulo"*:
"Vende-se a impressão de que, ultrapassando o vestibular, ingressando numa 'boa' faculdade, as portas da felicidade estarão abertas. É conversa para pegar trouxa. Óbvio que uma faculdade de qualidade ajuda. Mas é apenas um degrau."

Dimenstein cutuca com palito, mas é novidade para alguém?

Muitas faculdades são apenas negócio, puro comércio, cabide de emprego para gente incompetente e inconformada - quase nunca com a própria incompetência. Tem faculdade brincando de ensino, há pessoas simulando aprender, dançando em rodas que levam a caminhos sem saída.

A maioria dos formandos sabe um mínimo do que deveria saber após quatro anos de estudos e milhares de reais depois, mas não sabe.

Tenho feito uma média de oito a dez voos por mês... fazendo palestras em Universida-

des por todos os cantos, conheço um dos lados desta realidade.

Quase fazendo eco a Dimenstein:

"Proponho aqui a divulgação da verdade: passados dez anos, informar quantos concluíram o curso em que entraram. Mais importante, quantos estão empregados e, mais importante ainda, bem empregados. Aí se separa, de fato, quem prepara cidadão e quem engana trouxas."

Assino junto e também lamento. Mas a questão do ensino não é isolada, não carrega o fardo sozinha.

Epicuro

Atenas era uma arena de ideias. Demócrito veio da Trácia trazendo a espacialidade, a Escola Jônica de Tales, as coisas do velho Pitágoras.

Sócrates!

Você acredita agora que um jovem desceu do barquinho querendo filosofar novidades naquela aldeia?

Onde nasceria grama onde Aristóteles pisou? O sujeito caminhou com uma calma tamanha que deixou o pessoal nervoso, naquela terrinha pontilhada de todo o tipo de pensador.

Mais ou menos como foi Berlim há pouco.

Ele começou a ensinar um alento que se tornaria sublime!

Seus alunos ficaram conhecidos como "filósofos do jardim" - porque tinham aulas no próprio, nos arredores de Atenas.

Este *rapaz* começou a incomodar os discípulos das grandes escolas platônica e aristotélica que disputavam pedrinhas e discutiam pormenores sem fim.

"A paz duradoura... tem de dar a experiência da liberdade e da imperturbabilidade... não o prazer dos debochados. Falo da ausência de sofrimentos físico e moral."

Um exemplo: se a pessoa não estiver enferma, não estiver padecendo fortemente, ainda pode ter uma certa felicidade nesta vida! Isso se conseguir o "despreocupar-se".

É o que diz o Epicuro:

—*Despreocupar?*

—*Despreocupar.*

Ataraxia, em grego. Talvez a ingenuidade, talvez a alienação, talvez a sabedoria. Ataraxia hoje comporta amplas margens.

Ernst Cassirer

Cassirer é um filósofo morto em 1945, que se torna cada vez mais atual. É tão estudado nas melhores Universidades europeias quanto é esquecido nas nossas Universidades.

Sua obra de referência, importante nos estudos, é "*A Filosofia das Formas Simbólicas*", dividida em 3 volumes, com tradução para o português.

Inicialmente Cassirer diz que nós perdemos o contato com o mundo físico e vivemos somente os símbolos.

Isso se aprofunda, alastra, amplia.

Um exemplo ocorre quando a pessoa se apaixona por uma outra, se apaixona pelo "jeitinho" dela, pelo caráter, sensibilidade, poder, *status*, por outros símbolos que a pessoa tem.

Para testar a verdade disso, basta que você retire os símbolos que habitam a pessoa que você ama...

E imediatamente o amor afunda.

Então, nós não amamos as pessoas, nós

amamos os símbolos que moram nelas: honestidade, fidelidade, sensualidade e outros.

"Linguagem preposicional" – a referência, o cuidado, os caminhos.

O problema é que quanto mais a gente vive os símbolos que moram nas coisas, menos e menos a gente tem contato com a realidade física das coisas.

Sabe quais as consequências disso?

Viajar até a praia sem curtir o vento e o sol - porque está com a cabeça cheia de pensamentos sobre como pagar as contas; casamento de conveniência porque a pessoa é "bom partido"; fazer uma faculdade porque "todo o mundo faz"; e fazer todas as coisas lindamente robóticas de uma vidinha idem.

Aos poucos comemos e bebemos símbolos (tal bebida significa tal coisa...), aos poucos transformamos a nossa própria vida em um símbolo, como se ela por si mesma já não bastasse.

"Matematizamos" as coisas, conforme Cassirer.

Ele define o ser humano como um "animal simbólico", um bicho que constrói símbolos o tempo todo.

Mas isso não é ruim.

A gente apenas deve estudar direitinho os símbolos que fica inventando na vida.

Escócia e as coisas como se vão...

A substância mais verde do mundo é a primavera na Escócia. Outra coisa muito diferente é o charme, aquele cheirinho de um velho disco de vinil.

Algo divertido foi entender Kant porque o racionalismo francês virou chacota.

Sexo sem amor... talvez tarde.

Saudade, não; essa mata.

Uma desculpa saideira: asma.

Fator repelente que magoa espertinhos de praia é negar *Sundown* - e nem pensar em oferecer sobra de guarda-sol.

Aprendi muito também a lembrar de vez em quando de quem amo para prevenir uma consequência caetana qualquer. Sendo verão, nunca se sabe.

Houve um sonho que morreu adolescente e que agora, reparando bem, fica melhor morto.

Mancadas feias, sem exagero, mas muitas: um modo às vezes cativante de ser precisamente humano.

Pessoas (!) politicamente muito corretas não precisavam costumar ser imensamente tão chatas.

Segredos íntimos como próteses, desafeitos, desgraças... Tudo isso não chega a ser tão segredo. A gente é que imagina que é.

E Pat Metheny com os vidros abertos.

... todas essas coisas num papo de duas horas com alguém que aparentemente prometia sono. E o papo começou com a gente querendo ir embora, ora veja...!

Ferdinand de Saussure

Você já despiu uma mulher com os olhos? Aquela coisa de ir devagar e suavemente se atrevendo entre os tecidos, os cheiros íntimos, o calor entre as dobras da pele?

Pois Ferdinand de Saussure costumava fazer isso com as palavras, as frases, as expressões do discurso.

Saussure tinha aquele olhar metafísico que atravessa o tecido da palavra e a vê em sua significação e estrutura. Assim desnudava o discurso - que aliás é o propósito da fala.

Ainda sobre a linda mulher que despimos respeitosamente com os olhos: o contorno da calcinha sobre a pele tão macia, a conformação deliciosa dos seios e dos lábios como símbolos que, entreolhados de lendas e história, fazem do sentido um produto combinatório e variável.

Com as palavras é a mesma coisa.

Usamos as monografias para as coisas sérias e chatas.

A poesia se presta às coisas fundamentais.

E a Filosofia, para quase todas as coisas.

Vivaldi, para aquecer a alma; e música popular para mantê-la aquecida.

Hipogramas da vida.

As palavras têm corpo; engordam, alegam-se, duvidam, envelhecem, tornam-se sábias ou ridículas, e aos poucos ganham vida própria. Nesse caso, elas nos mostram sentidos que não conhecíamos antes de usá-las.

Saussure não acreditava muito na precisão das coisas faladas, mas pesquisava muito à procura de alguma exatidão possível. Nas anotações e cadernos que deixou pode-se ter a impressão de que o filósofo se convenceu disso até se tornar quase poeta.

Um modo muito bonito de se fazer Filosofia.

Fernando Pessoa

Fernando Pessoa disse que fez dele mesmo algo que depois já não sabia o que era. As pessoas passaram a conhecê-lo por alguém que no fundo ele nunca foi.

Ele não se preocupou em desmentir.

Quando quis tirar a máscara, ela estava colada demais ao rosto, mas ele a tirou.

... então estava velho, bêbado e triste.

Isso também é a vida.

Se você quiser anotar: o preço para tirar a máscara pode ser tão alto que talvez compense chamá-la de rosto e seguir com a vida da maneira mais digna possível, ainda que distante.

(Wittgenstein, de volta a Londres, soube que estava com câncer e nem piscou. Disse ao médico que não tinha mesmo intenções de continuar vivendo.)

As saídas usuais como a ponte aérea, o bar, a medicina, algumas vezes valem tanto quanto nada.

Cada um sabe, às vezes, o quanto da própria alma negociou socialmente, como em Goethe. Existe um ponto a partir do qual se pode ainda retornar? Como saber o adiantado da questão? Como Fernando Pessoa pesquisou o tema em si mesmo?

E então começa um outro capítulo.

Filosofia do Corpo

Existe uma filosofia do corpo. O caso dos ouvidos, por exemplo: são duplos para a eventualidade das dúvidas...

Mas uma só boca, graças a Deus.

O pescoço foi exigência da Receita Federal, para ter o que apertar.

O nariz seria maior, mas já havia o exemplo exagerado dos elefantes...

Deus não fez bolsos no corpo humano, como nos cangurus, para não favorecer o contrabando.

Temos dois olhos; ainda que possam olhar para qualquer lado, em geral olham juntos como indicativo de que nesta vida precisamos de objetividade.

Os genitais Deus colocou longe dos olhos, mas curiosamente perto das mãos - as mãos que servem para tudo.

Os pés vêm providos de raízes, os dedos.

A bunda foi uma homenagem aos brasileiros, e também uma advertência.

Como houve dúvida em relação aos cabelos, muita gente não tem.

Ossos, sangue, músculos e pele para cobrir tudo direitinho, sendo o problema da cor resolvido pela diversidade.

Sobre a inteligência, Deus a deu para uns e para outros deu a política.

O coração, por razões sábias, ficou a uma média distância entre os genitais e o cérebro; a ideia era provocar um equilíbrio, mas há controvérsias.

Caso tivesse se enganado em alguma coisa, Ele quis deixar algo que amenizasse, e então criou o estômago e a cozinha italiana.

Na verdade, Deus queria a harmonia entre os órgãos do corpo, coisa que muito fígado não sabe. A intenção era recriar o paraíso sem depois infestar tudo com fumaça, álcool, frituras.

Uma das questões principais foi exatamente a da duração. Teria de ser algo entre a longevidade da tartaruga e a pressa da mosca, mas por interferência dos sindicatos e advogados a questão ficou aberta.

Assim é, mais ou menos, uma introdução à Filosofia do corpo, mas é apenas uma anedota. Como seria realmente uma Filosofia do corpo? Seria talvez assim também?

Filosofia e Religião

Filosofia e Religião têm relações difíceis atualmente. Um exemplo tupiniquim foi o encontro entre Giannotti e Frei Betto. Isso já tem alguns anos, um encontro promovido pela PUC-SP.

Daquilo que foi posto, ficou a impressão de uma conversa de surdos decididos.

Frei Betto dizia da fé, da primazia da experiência de Deus sobre a religião e sobre a Igreja, enquanto o filósofo perguntava e obtinha como resposta coisa nenhuma.

Religião e Filosofia estão em posições que levam a uma relação incômoda. A presença de uma parece não fazer bem à outra.

As questões de Deus não se sustentam mais filosoficamente e apenas a fé não parece ser bastante em um ambiente científico cada vez mais filosófico. Já a Filosofia, serva e senhora de tantas questões religiosas por tantos séculos, oscila entre uma tentativa de cientificismo e resquícios de discursos e dogmas religiosos. O relacionamento está difícil e piorou muito com a última encíclica.

Todavia existe ponto de conciliação.

Se não podemos mais retornar a Spinoza ou Kierkegaard, podemos ir para um campo vasto de neurociência, analítica da linguagem e fenomenologia. É nesta amplidão que se torna possível uma complementação entre Filosofia e Religião.

Nunca mais como antes era, mas isso não é a pauta agora.

O âmbito agora não é de alternativa, justificativa, vínculos escravocratas. Uma das respostas, assim me parece, está na complementação.

François Mitterrand

François Mitterrand estava morrendo de câncer, no final de mandato no governo.

Cercado de seguranças e jornalistas, foi conversar com o filósofo Jean Guitton, discípulo de Bergson, especialista em religião e morte, um homem sábio e um homem raro. Nessa altura, Mitterrand não tinha mais paciência para conversa mole, estava cansado e sofrido. Talvez por isso foi tão direto e afirmou que morreria logo.

— *Li seus livros. O senhor é um homem livre, ao contrário do papa, dos bispos ou dos padres. Quero indagá-lo sobre um assunto que me preocupa desde a infância. Vim vê-lo para lhe perguntar: o que é a morte?* - perguntou para o filósofo, uma sumidade na França.

Depois, Mitterrand foi ainda mais específico:

— *Qual é a última barreira?*

Guitton, 90 e tantos anos de idade, respondeu:

— *Sr. Presidente, é muito simples. É a morte.*

— *Mas e depois da morte?*

—*Depois da morte é o que chamam de além.*

—*Mas o que é o além?*

—*Não faço a menor ideia, visto que se chama além.*

Guillon não disse ao jornal *Liberation* o restante da conversa com Mitterrand, que durou quase uma hora.

Para a família, o presidente francês tinha procurado o filósofo para ouvir o que já sabia. Mais ou menos, a necessidade de confirmação das coisas inevitáveis da vida que, às vezes, quando feita por uma pessoa em quem confiamos faz com que a dor seja menor.

Glauber Rocha e Godard

Glauber Rocha:
— *“Quando Drummond de Andrade escreveu o poema da pedra, o poema virou piada pelo Brasil afora. Qualquer imbecil de gravata contava com muita graça o verso da pedra no caminho e dizia - "Esta eu também faço!". Hoje Drummond se consagrou como o grande poeta brasileiro...”*

Glauber pedia - não conseguia - a mesma paciência para com Jean-Luc Godard.

Mas... isso não deu jeito.

Godard é original.

E é original porque é muito... mas muito ruim.

Não há paralelo com Roberto Rossellini que saiu de cara lavada com uma câmara na mão, sem ator, sem estúdio, sem nada, e filmou Roma, Cidade Aberta.

Rossellini era o suficiente para sair horrível quando quisesse.

A melhor literatura hoje é feita com imagens: cinema. Não há uma única passagem em Proust, na tradução de Mário Quintana,

não há uma só passagem que o cinema não tenha feito tão bem quanto - para um público gramaticalmente às vezes cego.

Ler está ficando muito pesado para muitos.

A semiótica da linguagem cinematográfica é mais completa, mais fácil... e faz da leitura um subproduto miserável da visão. Para muitos.

Gonçalves Dias

Gonçalves Dias estava em uma festa daquela de se perguntar as horas a cada cinco minutos.

Pouco antes de não aguentar mais, já procurando a porta, alguém fez a ele uma pergunta que o animou:

— *Poeta, pode-se morrer de amor?*

Ao que parece, não houve resposta na hora.

Mais tarde, Gonçalves Dias encontrou as palavras, e disse que amar é ter o coração e os sentidos abertos, ser *capaz* de extremos. Ele quer dizer aqui virtudes e crimes, na ordem temperamental do coração.

O poeta pensou que amar é vida, é ter amizade em Deus, é vagar dos campos à solidão do murmúrio. Porque também a tristeza é o choro de aventuras infelizes que prometiam tanto...!

Fico pensando então quem já não morreu de amor?

Quem não matou também?

Cada beijo, carinho, esperança de algo que

não veio, cada coisa que foi morrendo no caminho morreu com um pouco de gente. E no mesmo lugar outras coisas nasceram, ou também muitas vezes nada mais nasceu. Gonçalves Dias diz:

— *Isso é amor, e desse amor se morre!*

Fala muito bem o poeta.

Mas não se engane. Ele sabia do amor o mesmo que uma pessoa sabe da praia e do mar ao vê-los na TV.

Isso não o desmerece, acho que até o faz merecer, ele afinal explicou lindamente algo que provavelmente não chegou a viver. E ainda assim lamentou não morrer disso.

Hans-Georg Gadamer

No conto de Dalton Trevisan, a velhinha diz: — *Mulher de olhos verdes não é séria!*

Porém o *rapaz* só descobre que os olhos de Marta eram verdes depois que casou com ela.

Trevisan é o prefácio.

O assunto, o filósofo Hans-Georg Gadamer, seu escrito "*Verdade e Método*".

Piedosamente resumido, Gadamer mostra que tudo o que vivenciamos agora tem muito a ver com o que já foi vivido. A cabeça da está povoada de "*Pré-Juízos*".

Se o sujeito tem por pré-juízo que as "*mulheres de olhos verdes não são sérias*", como a velhinha de Trevisan, ele terá de fazer malabarismo emocional quando uma delas despertar seu coração.

Ter pré-juízos não é bom nem mau.

É inevitável.

O que sabemos (=) ao que aprendemos antes (+) o que estamos aprendendo agora!

É bem fácil, não é?

Então confira uma coisa: o que confirma meus pré-juízos é provavelmente melhor aceito por mim.

Exemplo: Rubinho é um piloto vagaroso.

Aí, quando ele passa reto na curva e sai chutando o capacete, meu pré-juízo se reafirma? Mas quando o piloto vai lento, arranjo rápido uma desculpa para confirmar meu pré-juízo?

Fica como indicação a releitura.

Hegel & Kierkegaard

Hegel é uma criatura filosófica facilmente indefensável, em alguns pontos de vista. Kierkegaard o odiou quase em toda a extensão. Textualmente: "*o hegelianismo é a mais repugnante de todas as maneiras de libertinagem*".

A dificuldade é antiga.

Kierkegaard diz que a Filosofia ficou se ocupando com o conceito de homem, com ideias gerais.

Só que a vida não é um mero conceito.

Isso é óbvio de ser assim dito, mas na verdade um filósofo pode ter dificuldade nesta questão...

Então Kierkegaard não gostava dessa licença do homem construir castelos teóricos para depois habitar algum celeiro (isso é praticamente literal). Para ele, Hegel queria encarcerar a vida por tentar explicá-la.

Temos mais elementos de argumentação aqui.

Hegel falava do homem no universal, conceitual, e assim falava de coisa nenhuma. Simplesmente porque não existe este "o homem".

O que existe é o indivíduo, o João que é padeiro, que tem dor de barriga, que bebe aos sábados e vai ao futebol aos domingos.

Logo, adeus teorias especulativas.

Kierkegaard acreditou na Filosofia como sendo uma espécie de diário da vida íntima de cada um.

Os historiadores que têm maior intimidade com a obra do filósofo dinamarquês aventam a hipótese de que Kierkegaard não teria conhecimentos da Filosofia hegeliana suficientes para o calibre das críticas que fez. Uma prova disso é que não existe uma crítica filosófica de fato, mas sim um amontoado de opiniões tórridas.

Ainda assim, não deixa de fazer eco o nascimento do existencialismo como oposição ao pensamento especulativo.

... mais tarde o existencialismo viria a especular tanto quanto seus desafetos.

Hélio Pellegrino

Hélio Pellegrino era psicanalista, e na verdade era de tudo um pouco, principalmente encrenqueiro e brigão, agitado por paixões nunca mornas.

Quase sempre uma criatura inquieta, um animal nervoso com as coisas de seu tempo. E uma coisa é justo dizer: era um homem profundamente contraditório.

Dividia-se em partes que permaneceram a vida toda em conflito, até sua morte pelo coração. Viveu cerca de dois anos com Lya Luft antes que um ataque cardíaco o matasse.

Isso foi em 1988, e no caso dele parece ser há muito mais - por todo o barulho que causava - o silêncio parece aqui aumentar a distância.

Nelson Rodrigues (e quem mais, não é?) entendia tão bem o amigo que chegou a fotografá-lo da seguinte maneira: "*a metade do Hélio é o Hélio e a outra metade é o anti-Hélio*".

Ficou famoso o que Hélio Pellegrino disse de si mesmo: "*sou um mineiro apostólico romano*". Sem dúvida nenhuma, não era.

Foi expulso e admitido novamente da SPRJ, o centro nervoso analítico do Rio de Janeiro. O mesmo acontecendo na vida das pessoas com quem costumava estar e deixar de estar.

Excelente para uma conversa de boteco, mas alguém para manter longe da monotonia precisa e necessária de um lar. Teve a coragem (mas muita gente dá outro nome a isso) de denunciar os "métodos feudais" da psicanálise feita no país, dominada por um punhado de "barões". Talvez ele mesmo um barão às avessas.

O pensador está ótimo biografado. Parece melhor do que esteve em vida.

História e Historicidade

O exército turco tomou Constantinopla, e um dia depois era moda contestar Aristóteles com pesos inclinados, e também olhando por canudinhos de telescópio.

Assim termina a Idade Média nos livros.

Anti-séptico, rápido.

Quem virar distraído duas páginas grudadas pode estar deixando três séculos para trás.

O didatismo é mesmo um processo anti-biótico onde os alunos contemplam o professor da trincheira, as carteiras, e dali estudam a vida que vai se desenhando em giz e folhas de papel.

Não precisa aprender a sentir o sol, basta saber o que é sentir o sol. Já dá para passar.

E um dia na vida, quando por acaso um feixe de sol ousar na janela, a mão acostumada à cortina correrá, e outra Idade Média ficará lá fora, como duas páginas que foram viradas juntas.

Um outro dia estava curtindo um solzi-

nho de inverno, o vento manso, e senti que me faltava um sentimento que havia. Fiquei triste porque isso não me causou tristeza.

Ali no rochedo do Morro dos Conventos, um lugar de inevitáveis estados etílicos, pensei nas pequenas peças que a vida guarda e que às vezes não têm graça nenhuma.

Que linda escola feita de rocha, mar e de estrelas.

...bem assim como parece.

Início de inverno

Para o mês que chega: coisas meigas,
como travesseiro. De tarde, fome.
Chimarrão com os amigos.
Mas CPI para os outros?
Algo que rime com poesia, tipo lareira.
Algo que sirva para alegrar, como sorrir.
E algo que sirva para distrair, como uma
coqueluche.
Talvez uma tristeza, para parecer mais
calmo.
E um pouco de calma para amar.
Amor leve.
Como papel, isopor, pétala.
Sem hipocrisia, para isso mesmo.
Lagartear com toda a seriedade.
Deixar cair a ligação, sem culpa.
Egoísmo, só para recordar de si mesmo.
Para chamar os amigos: apito.
Para que voltem para suas casas: pratos
sujos.
Colesterol: uma razão para morrer.
E tédio, que é uma *razão* para se ter todo
o colesterol da Terra.
O resto vai para o Cartão de Crédito.
Quantos pensam assim? Para quantos é
assim?

Jacques Derrida

Faz pouco que Jacques Derrida palestrou no Masp, em São Paulo, para umas 600 pessoas que pareceram satisfeitas à saída.

Como é hábito acadêmico em ocasiões assim, Derrida leu mais de 30 páginas.

Sucesso de mídia, leiga e acadêmica, ele parece conhecer as frases de efeito, os sinais de fumaça, a colocação certa que causa encantamento. Fazendo Filosofia por literatura bem feita, passa a impressão de uma inteligente literatura filosófica.

Derrida joga com contrastes, com coisas que logo adiante revelarão aquilo que delas nem se imagina, e que no fundo, na realidade, não são.

Ficamos extasiados com o efeito, não com o entendimento.

O pensador faz do óbvio a escultura.

Pesquisa velozmente, cercado de exemplos, significados que contrapõem patrão e escravo, em uma ordem arrivista pelo próprio parecer que nega.

Girando o espelho... Derrida estaria pou-

co à vontade com o discurso que analisa o que se empenha em atacar: "*A História da Mentira*".

Isso não faria a menor diferença.

Diante da mídia, os significados seriam os mesmos.

Jean-Paul Sartre

Neste momento você pode fazer qualquer coisa? Pode continuar a viver como está vivendo, pode dar uma guinada para mudar tudo ou para deixar tudo mais ou menos igual, pode justificar-se ou pode mandar tudo barranco abaixo?

Pois somos livres e podemos escolher?

Quem acha desculpas para suas ações, para o fato de não ter opções de liberdade, este está agindo de má-fé.

Independente do que você estiver vivendo agora, você tem opções.

E, mais ainda, cada um pode mudar sua opção em pleno andamento, a qualquer momento.

Quando a gente se dá conta disso, que é escravo da liberdade, o que surge é uma angústia. Ou seja, angústia por sabermos que temos infinitos caminhos, mesmo quando escolhemos um apenas.

Na verdade, tudo isso faz parte da vida.

A vida é uma coisa absurda, sem sentido.

Tudo, absolutamente tudo, acontece por

acaso. Os encontros e desencontros, os acontecimentos, as tragédias... puro acaso. Um imenso jogo de dados. De certa maneira, estamos atirados.

Vamos assinar quem pensou isso: Sartre.

Seu escrito "*A Náusea*" coloca Antoine Roquentin (personagem) diante dessa experiência.

Para Sartre não existe Deus, não há justiça apropriada, não existe bem ou mal, e principalmente não existe desculpa. As coisas são o que são, o que podem ser, e não tem choro que nos salve. Somos totalmente responsáveis pelo que fazemos, e responsáveis por tudo aquilo do qual fazemos parte.

O resultado é que FHC, Itamar, FMI, nós... somos responsáveis por enredos que estão aí.

Para Sartre, as coisas funcionam assim.

Foi odiado pela Igreja, esquerda, direita, por quem entendeu seus escritos e por quem nunca chegou a ler uma só página sartreana. Para muitos, foi assim.

José Saramago

José Saramago tem um pequeno livro chamado "*O Conto da Rha Desconhecida*".

Um homem foi à casa do rei pedir um barco e disse que não iria embora enquanto não tivesse um barco. Como isso não acontece sempre, e na verdade nunca, o povo, o pessoal do rei e o próprio rei, em poucos dias, começaram a se interessar pelo assunto.

O rei perguntou o que ele queria... e o homem disse que queria um barco para ir à procura da ilha desconhecida.

Para o homem os mapas só mostravam as ilhas conhecidas e não as desconhecidas. Além disso, era impossível que não houvesse ao menos uma ilha desconhecida. O homem pensava que ao rei somente interessavam as ilhas conhecidas; a ilha desconhecida portanto seria apenas dele.

Mas o rei disse que quando a ilha desconhecida se tornasse conhecida, então também seria de sua propriedade como as outras ilhas.

O povo simpatizou com a causa e começou a gritar:

— *Dá-lhe o barco, dá-lhe o barco.*

Quando o capitão que daria o barco ao homem soube que este não sabia navegar, disse:

— *Capitão sou eu, e nem eu me atrevo com qualquer barco.*

— *Dá-me então um com que possa atrever-me eu.*

... o homem que não sabia navegar, que não tinha barco, que não sabia onde estava a ilha desconhecida, que não tinha uma tripulação, tinha um sonho que o fez ir ao rei.

A ilha desconhecida nunca foi encontrada.

Mas o sonho talvez tenha valido um tanto da ilha.

Jürgen Habermas

Jürgen Habermas é filosoficamente inevitável em nossos dias. Sua tese de doutorado em Bonn tratava do pensamento de Schelling. Mais tarde teve estreito contato com Adorno e Horkheimer, a quem acabou sucedendo na cátedra.

Habermas não faz coro com os filósofos alemães que hoje (boa parte) evitam conversa sobre assuntos meramente terrenos. E assim atacou o pessoal da direita que reagia aos movimentos estudantis em 68 e refletiu fundo sobre a fragmentação da União Soviética.

Habermas acha que a Europa soube o que é um Estado social apropriadamente bem sucedido somente no período pós-guerra. Havia margem e segurança para isso. Mas agora a coisa está diferente.

Se entendi o filósofo, ele quer uma crítica ao capitalismo globalizante, crítica no sentido de entender como catequizar pedagogicamente esse animal tão volúvel em seu temperamento.

Algumas perguntas surgem, claro.

É possível, do momento histórico atual,

distância e proximidade suficientes para uma tal crítica?

Desde aos anos 80, quando o Estado deixa de mandar nas alternativas produtivas da economia, qual teoria política e económica explicaria o embrião do novo modelo?

Existe de fato um novo modelo em formação? Ou o que existe é um ecletismo de modelos que agora se renovam?

Ao contrário do que houve tantas vezes, neste momento vivemos algo que não sabemos ao certo explicar, definir, e, filosoficamente é pouco confortável viver sem ter as ideias militarmente ordenadas em algumas questões de filosofia política e geral.

Karl Popper

Estranho quem não tem preconceitos. Ao ver uma pele avermelhada, o cérebro registra: "*Eis aí uma pele avermelhada*".

Sem discriminar, classificar, diferenciar, o cérebro não pode reconhecer.

O preconceito é um processo lógico que ordena os objetos mentais. E, como em uma fileira de dominós, unimos os novos ensinamentos aos já tidos. Nós consideramos as coisas a partir de um ponto de vista. É o que Karl Popper chamava de empirismo lógico.

Então o alarido em torno do preconceito é ético.

Seria concebível se fosse epistemológico? O discurso igualitário funciona realmente, já que somos diferentes em alma e pensamento? Patrulhamento ideológico?

Ora, o preconceito seria um recurso orgânico cognitivo?

Toda a questão aqui se resume no que eu faço eticamente com a informação que me vem da célula...

Kierkegaard

Conversamos antes sobre religião, uma conversa complexa. Primeiro de tudo porque os cristãos estão brincando de cristianismo.

É evidente que sim!

Olha... o que a pessoa vai fazer na Igreja?

Vai pedir.

Pede paz, pede saúde, pede dinheiro, trabalho, como se Deus fosse síndico de um *Shopping Center*.

A teologia é mentirosa e não tem qualquer fé.

Na verdade, a teologia é cômica. Boa parte dos pastores e dos padres não pratica aquilo que hipocritamente ensina; o que eles pedem às pessoas para fazerem, isso eles não *fazem*.

Ser cristão não é nada disso.

Ser cristão é entregar-se a uma relação única com Deus, longe do rebanho de ovelhas que cantam coisas decoradas nas missas.

A verdadeira entrega não traz felicidade, traz conflito.

Exatamente: conflito.

Entregar-se a Deus significa encontrar dificuldades em um mundo atolado de

consumismo, egoísmo, valores baratos e risos falsos.

Outra coisa: fé não se discute.

Abraão é o melhor exemplo disso quando o próprio Deus pede a ele para matar o filho Isaac, enquanto as escrituras sagradas condenam isso. É um exemplo porque mostra que a fé não deve ser questionada pela razão, deve ser cumprida.

Ninguém deve meter a ciência nesta história. Deus não pode ser entendido por leis naturais, e a ciência ainda tem o inconveniente de afastar a pessoa de si mesma.

Hoje é provável que você tenha lido isso que escrevo em jornais ou revistas.

O homem que falou essas coisas acabou sozinho. Perdeu os amigos, o emprego, a mulher amada, faziam piadas sobre ele no jornal "*O Corsário*", e morreu tão solitário quanto solitariamente viveu.

... no entanto, Kierkegaard é um respeitável filósofo que a Escandinávia nos cedeu.

Todo o existencialismo e metade das teorias modernas devem muito a tudo o que ele pensou. Se você quiser aprofundar o que escrevi, basta procurar os livros "*Temor e Tremor*", "*O Conceito da Angústia*", "*A Doença Mortal*", e a obra-prima "*Ou Ou*". Todos devidamente traduzidos para o nosso português.

Machado de Assis

Capitu era casada com Bentinho. A vida não era nenhuma maravilha, mas piorou muito quando Bentinho começou a cismar que Ezequiel, na teoria e provavelmente na prática filho do casal, não seria filho dele.

Bentinho começa a desconfiar do melhor amigo; o pior estava distante e parecia digno de confiança.

Escobar era o melhor amigo de Bentinho e pagou até o fim por esse privilégio.

Bentinho compara as feições do filho com as de Escobar, o jeito, as pequenas coisas que ficava batendo com as grandes. Qualquer coisa que Escobar fazia ou deixava de fazer servia como prova da maior ameaça de adultério que a literatura deste país já viu.

Se Machado de Assis quis contar a história de um amor escondido, ninguém pode saber. O mistério não se resolve nas páginas do livro, não se resolve em nossa imaginação, e não se resolve.

Machado de Assis e Bentinho mandam Capitu e Ezequiel para a Europa. Ela vai ter

de criar o filho sozinha por causa de um pecado suposto.

"*Dom Casmurro*", publicado no final do último século, deixa muito bem entendido que em certos casos de desconfiança, de ciúme, de querelas da emoção, a suposição é a prova. O sistema jurídico das emoções pode ser exatamente canalha porque é desnecessária a união com os dados lógicos. É realmente avassalador esse processo de caolhos quando a própria lógica é chamada (e aceita o chamado...) a justificar uma ocorrência para a qual não tem a menor competência.

Morrem a mulher, o filho, o amigo.

Bentinho passa seus últimos dias ruminando suas intrigas imaginadas.

E há uma ínfima ironia aqui. A história acaba nos deixando em relação a Bentinho como ele se parecia com relação aos outros...

Manuel Bandeira

Manuel Bandeira conta que foi Mário de Andrade quem primeiro notou que em sua poesia a ternura se revelava pelo uso de diminutivos. E explica que quando adoeceu, sua mãe passou a falar "leitinho, sapatinho, comidinha" do nené. Mesmo marmanjo, ela ainda o chamava de nené. Isso foi virando poesia.

"Só depois que ela morreu é que passei a exigir que me chamassem - duramente - Manuel" - diz.

O diminutivo é uma coisa fantástica! Com ele a gente pode ofender carinhosamente... pedindo a um *filho-da-putinha para não fazer assim nem assado.*

Pode suavizar a desgraça dos outros:

— *A injeção dói só um pouquinho...*

Para desmerecer também:

— *Tem gente que fica rica por qualquer coisinha*

O diminutivo serve também para aproximar:

— *Beija aqui, amorziriho...*

... ou advertir:

—... *beija mas não morde, hein, amorzinho!*

Depende também do sujeito. Quando o governo fala no diminutivo, a gente sabe que é brincadeira. Quando fala por falar, idem. Todavia, quando não fala nada, aí é sério, sem gracinha.

Mário de Andrade

O ntem mesmo, 1922, Mário de Andrade falou de umas coisinhas sobre o burguês, aquele ser pré-histórico que fazia a delícia das esquerdas até a década de 70.

— *Fora! Fu! Fora o bom burguês!* - diz Mário.

Ele se inflama e afirma que insulta a pessoa que é curva, a pessoa nádegas, a pessoa que cheira à religião e não crê em Deus, etc. Esses termos são literais.

Mário pede morte, literalmente, às adiposidades cerebrais, à gordura...

"Morte ao burguês-mensal... Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico! ódio fundamental sem perdão!"

Esse texto inaugurou o Modernismo, e funcionou como profecia a um monte de acontecimentos.

Agora, adivinhe você se Mário de Andrade era ou não o próprio burguês do qual falava tão mal...!?

Ele era.

Como somos provavelmente nós.

Com nossa vida, *Internet*, muitos Cds, muita esperança e curiosidade. Talvez desejando que a primavera seja para todos, desejando menos aos que não a tem, no sentido comovedor do termo - que deve existir algum.

Mário Quintana

Sabe como chamavam Nabucodonosor?

Bubu.

É o que contava o Mário Quintana. Disse que o faziam para simplificar.

Quintaninha nos fez um grande bem com a visão de carochinha que tinha do mundo. Nada era tão horrível para ele...

Morrer era a chance de enfim poder deitar de sapatos.

E dizia que muitas vezes na vida a saudade da amada criatura é bem melhor do que a presença dela.

Nesse luto todo ele achava que quem ficava viúvo era o defunto porque esse não voltava mais.

Divertia-se com velhinhos que, como ele, procuravam os óculos por toda a parte para então encontrá-los na ponta do nariz...

Quantos você conhece que escrevem: "*Em cima do meu telhado, pirlin, lulin, lulin...*"

A beleza era importante para ele. Falava que um hipopótamo com alma de anjo teria uma trabalhadeira grande para nos convencer de sua angelitude.

Não se importava muito com as ofensas. Pensava que o ataque de uma borboleta agrada mais do que todos os beijos de um cavalo.

Bem disposto e otimista contou que Leon Tolstói fugiu de casa e que não são muitos os que realizam esse sonho de infância. Só que Tolstói fez isso aos oitenta anos...

Admitia que a curva seria o caminho mais agradável entre os dois pontos.

... neste inverno, não temos mais o poetinha conosco.

Os poetas de agora são chatos, ficam escrevendo psicanálise em forma de rima... contando coisas que já conhecemos de melhores versões.

O Mário Quintana fez o que Djavan pediu: caetaneou o que há de bom.

Quintaneou.

Millôr Fernandes

Outro dia falamos das ideias de Francis sobre os filósofos e suas filosofias. Hoje veremos a coisa em Millôr... que afinal de contas não é tão menos Francis assim.

Bem, Millôr tem exatamente um pensamento próprio sobre Filosofia, mas tem muito mais um pensamento ópio.

De seu massudo "*A Bíblia do Caos*" (L&PM, 524 páginas) podemos entender o que dizia, mas o problema é que isso precisa ser rápido, antes da próxima página, onde vai provocar dizendo quase o contrário.

Millôr brinca com a gagueira de Demóstenes dizendo que ele só era gago nas proparoxítonas.

Sobre Descartes (o segundo que mais apanha hoje, depois de Freud), ele nem quis muito papo:

"Penso; logo Descartes não existe."

... e de Freud, claro, pensa que quem era freudiana mesmo era Ana Freud.

Sabe que talvez uma objeção séria à Filo-

sofia seja o grego: *"uma língua que a gente pensa que é latim"*.

E comete uma afronta ao opinar que Machado de Assis, além de funcionário público sofrível, era metido a filósofo.

Millôr chega a uma conclusão: *"Filosofia é uma coisa que discute Filosofia"*.

Para ele o maior filósofo de todos é um desconhecido, porque bem cedo desconfiou da inutilidade da Filosofia e, assim, não se deu ao trabalho de ficar filosofando por aí.

Como, aliás, Millôr não fez.

Noam Chomsky

Muitos preferem Chomsky como filósofo e muitos o preferem como ingênuo comentador político.

Virou lugar comum celebrar essa ingenuidade, especialmente quando depõe contra os EUA, como nas questões do Oriente Médio.

Chomsky acha que se deve ter cuidado quando se fala em "processo de paz". Isso porque o "processo" é uma criação americana para manter tudo mais ou menos como está. Assim, um estado palestino seria frágil e sitiado por israelenses e por árabes. Provável, sim, mas muito desconfortável.

Nos EUA, os estudantes costumam dizer que: *"se Israel faz, Chomsky é contra; mas se Israel não faz, Chomsky é contra"*.

Na verdade, é contra.

Quando criticou a "intervenção" americana no Haiti, a mídia em festa não aguentou e apelidou seu comportamento de paranóico. Nada de novo, todo o mundo já sabia.

O filósofo disse que os EUA acabaram com a democracia na Guatemala e na República Dominicana, como estavam fazendo agora no

Haiti, e *faziam*,isso por quererem uma democracia...

Acontece que ele observou que talvez os democratas americanos se tornem republicanos quando viajam para o exterior. Portanto, nesse sentido, Chomsky está muito bem como paranóico.

Norberto Bobbio

Estado não é a casa da mamãe. Norberto Bobbio mandou ao "bebeléu" marmanjos contumazes, só que de um modo tão educado que eles não entenderam e tomaram como elogio...

Bobbio diz que a política é ciência, é história.

Não é troca de favores, não é cabide de empregos, não é...

Observe quem fura a fila, quem não fura só porque não consegue, quem joga latinha de refri pela janela do carro... a papelada grudenta que amanhece nos parques.

Sabe o que tem a ver tudo isso?

Tem a ver que nós somos o Estado.

Olha, sem querer magoar os sensíveis, mas é isso. É a tradição "jusnaturalista" (cadê o Aurélio?), a Filosofia do Direito.

Exemplo: chegamos à Escócia e não dizemos: "*ah, que aparelho estatal e que Estado lindos!*" - assim como di-

ante da Luiza Brunet ninguém vai dizendo: "*ah, que lindo cérebro*".

A gente pressupõe o Estado e o cérebro, respectivamente.

O que se faz?

A gente observa o povo, a vida, o modo geral das coisas, e conclui que a Escócia vai bem. E se a Escócia vai bem, o Estado vai bem. Não tem papel no chão.

Oliver Sacks

Oneurologista Oliver Sacks trabalhou muito com a síndrome de Tourette, um estranho fenômeno que provoca tiques, trejeitos e um comportamento grotesco. Assim como em outros estudos, Sacks concluiu que muitas vezes a pessoa precisa de sua "doença" para ser normal como as demais.

Muita gente ficaria sem graça sem suas artrites, a prisão de ventre no fim de semana; as enxaquecas, então, que costumam ser pontuais nas horas certas...! Quanta chatice, quanta compota na casa da sogra, quanta festinha inútil e pequenos programinhas sonolentos a dorzinha de cabeça já nos poupou?

Assim como alguns medievais apelavam a uma flagelação de si mesmos com chibatadas e reclusão, o mesmo um câncer pode fazer por nós... nos matando aos poucos, com garantias de sofrimento e expiação.

Muita culpa já foi abrandada por infecção urinária.

A doença em geral faz parte de nossa normalidade.

Ela resolve problemas, ajuda a viver em épocas difíceis, é didática, e na maior parte dos casos não deveria ser debelada a socos farmacológicos.

Vamos tomar como exemplo um acidente vascular qualquer; ele pode dar a chance ao sujeito de manipular a mulher que antes o manipulava, pode fazer com que a pessoa pare um pouco e repense sua vida, pode simplesmente levar às férias que de outra maneira seriam impossíveis.

Depois o sujeito vai dizer que graças a um derrame sua vida encontrou o caminho certo...

Quero dizer que a "doença" não é necessariamente ruim, não é um mal, algo abominável, não deve ser caçada com medicamentos quando nem mesmo ainda surgiu.

Seria horrível se fossem extintas todas as doenças como espécies de animais que não existem mais nas florestas.

Estar gripado, ter uma diarreia de vez em quando, uma febre no inverno, uma operação de apêndice ou alguma cirurgia corretiva, essas coisas são parte da "normalidade".

É assim que nos mantemos saudáveis.

Os sem

Talvez os sem-amor invadam os corações alheios e suguem até a última gota. Os cofres dos Bancos serão arrombados pelos sem-dinheiro. As casas de praia serão tomadas pelos sem-casa-de-praia. As Universidades cairão nas mãos dos sem-escola.

Nenhum supermercado será perdoado.

Haverá um histórico conflito armado entre os com-doença e os com-fome. Os sem-fundos avançarão sobre os sem-débitos.

Uma grande revolta abalará os sem-propina.

Os sem-emprego marcharão sobre as cidades afugentando os com-emprego - que então se tornarão os novos sem... Juntos tomarão as fábricas criando assim o movimento dos patrões denominados sem-fábrica. Os sem-fome criarão problemas para os sem-barriga.

O caos reinará.

Surgirão os sem-nada.

Os céus se abrirão, e deles virão os sem-céu, que são anjos banidos da sociedade dos anjos.

O fogo queimará os sem-vergonha.

A água apagará o fogo e surgirá um movimento novo chamado os sem-fogos, que será encapado pelos sem-potência e pelos sem-ereção.

Os sem-Deus entrarão em revolta.

Os sem-mulher levarão a mulher do próximo.

Os sem-próximo arruinarão os sem-ninguém.

Todo o celular estará sujeito a ser tomado pelos sem-celular.

E não haverá juízo final, por causa do movimento dos sem-Juízo-Final.

Oscar Niemayer

Oscar Niemayer, na *Globo News* - quem não viu nem gravou, pode lamentar ter perdido aquele velhinho simpático, adorável, meigo e tudo o mais.

Avisou de cara que a vida já é muito complicada e que ele não queria esculhambar ninguém - evitando criticar à toa.

...rosto de velhinho com sono; nem sempre a gente sabia se ele estava com os olhos abertos ou fechados, e se isso faria diferença, pois o que ele via parecia estar no passado: suas obras, seus amigos, suas coisas. Falou sem emoção nenhuma da construção da Catedral de Brasília, como ateu que "*não acredita em coisa nenhuma*", e que fez uma das coisas mais emocionantes de Brasília, a cidade mais chata do mundo.

Mostrou também orgulho por ter tido barrada por 20 anos sua entrada nos EUA.

No mais, reforma agrária, e um veredicto pessimista sobre as grandes cidades, com extrema lucidez. Extrema lucidez aos 90 anos.

Niemayer disse que todo mundo conhece

os problemas e o que fazer para resolvê-los. E terminou falando que é bom olhar para as estrelas e saber que a gente é pequenino.

Pablo Neruda

Pablo Neruda conta que viveu em um beco onde chegava todo gato e todo cão para mijar; em Santiago, 1925. Por diversos motivos, lê-se sobre especuladores e isso por vezes se associa...

Lembro o quase inevitável, nesses assuntos, Millôr:

"O dinheiro não diminui a extrema velhice, não cura doença incurável, não resolve a angústia do sofrimento psíquico. O dinheiro realmente não é tudo. Tudo é falta de dinheiro."

É incrível o que um pedacinho vagabundo de papel pode significar. A gente vê aqueles corretores na Bolsa como formigas subindo pelas costas umas das outras. Milhões de papéis entrando e saindo com um gesto, e países que podem quebrar em dois minutos como se fossem castelos de papel.

Fora do Brasil, parece que se importa se o país de fato quebre? Quantos de nós iriam chorar por qualquer daqueles países asiáticos. Lá, como aqui, seria mais uma questão de papéis.

Pajé Ariúka

O pajé Ariúka (o nome quer dizer "rápido como relâmpago") vive na aldeia Comapá, distante 950 quilômetros de Manaus. A viagem até Manaus leva 7 dias, se usar barcos e ônibus; na Amazônia é comum medir as distâncias em dias.

Levaram o pajé ao *Amazonas Shopping*. Lá, ele ficou emocionado com a enorme árvore de Natal, toda acesa e enfeitada. Tocou em tudo o que conseguiu e depois perguntou:

— *Como é que se planta uma árvore com luz?*

Falou ao maior jornal do estado, "A Crítica":

— *Os parentes que ficaram na mata estão melhores do que nós porque ainda caçam, pescam, e nós temos que comprar sal, querosene e falta dinheiro para isso.*

Ele disse que na antiga aldeia, que ficava na floresta, a maloca era amarrada com cipó e não era necessário comprar pregos e outras coisas.

Hoje ele ensina as tradições, os remédios e as músicas às crianças. Ficou triste porque não trouxe a família para ver "a árvore que tem luz".

Ele se comoveu com a árvore, assim como o pessoal da cidade se comoveu com ele. No fim, presentearam os índios com uma árvore de luz que ele levará para casa.

Pascal

Pascal é um filósofo lavável, no sentido de ser muito citado e raramente lido.

Francês nascido no ano pré-histórico de 1623, teve o evento de dividir sua época com homens como Bacon, Galileo Galilei e Descartes que, sinceramente, foram maiores.

Assim, a voz de Pascal saiu abafada.

Como ele morreu ainda criancinha aos 39 anos, sua Filosofia dá a impressão de ter sido editada aos esbarrões.

Imagine que você tem uma mensagem linda para contar aos seus amigos, e que entre eles existem um "tipinho crí-cri" que é muito rápido e talentoso para dizer mais ou menos o contrário do que você queira falar, e por teimosia quer.

Pascal contava coisas do amor a um público seduzido até o osso por um cartesianismo insuportável. Queria falar da experiência religiosa que mudou sua vida para sempre, queria ensinar um pouco dos motivos estranhos que habitam o músculo cardíaco e que muitas vezes não se consegue explicar. Puxa vida, numa

época em que os filósofos se ocupavam de métodos indutivos e da matemática!

O próprio Pascal era matemático.

E que matemático! Um prodígio.

Mas acontece que o amor e a fé, no sentido bíblico, eram indefensáveis naquele momento e Blaise Pascal estava lutando por uma causa perdida. Uma dessas causas que a gente só ganha com a poeira dos séculos.

Pasternak sobre Tchecov

Não é menos curioso certos ditos sobre a gente. Uma vez Boris Pasternak, autor de "*Doutor Jivago*", emitiu sua opinião sobre Tchecov:

"Sua singularidade como dramaturgo está no fato de haver inscrito o homem na paisagem em pé de igualdade com as árvores e as nuvens... enquanto dramaturgo, ele se opôs à sobrevalorização do social e do humano... o diálogo em suas peças não obedece a nenhuma lógica de motivação, paixão, enredo ou personagens: as deixas e as falas são emprestadas à atmosfera em que são proferidas, efeitos naturais semelhantes aos recantos e aspectos de uma floresta ou de uma campina, a fim de reproduzir a textura espontânea da vida. É essa vida que forma o tema das peças: a vida em seu sentido mais amplo, como cenário único, vasto e povoado, com todas as suas simetrias e dissimetrias, proporções e desproporções. A vida como princípio oculto e misterioso do todo."

Pasternak pergunta se Tchecov estivesse

vivo e se Tchecov lesse sua opinião, Tchecov concordaria com isso? (Pelo que frequentei de Tchecov, acho que ele concordaria em prosa e faria gosto... com alguns reparos.)

Um outro conforto menor viveu Lya Luft quando foi apresentada durante um seminário da seguinte maneira: "*sua literatura fala de mulheres*". Porque para Lya, fala de muitos assuntos mais.

De qualquer modo, a melhor disposição sobre isso encontrei em Schopenhauer e em Bertrand Russell, nessa ordem, e me ensinou que o discurso do outro é irremediável, inapelável, inexpugnável, inalienável e insuportável ou suportavelmente **dele**; desse outro que faz de mim coisa pensada às vezes.

Paulo Francis

Essa morte do Francis deixa a gente sem graça. Era tão bom odiar o Francis, um cara que estava ali à disposição para qualquer discussão. Sendo politicamente incorreto como era, volta e meia era linchado pelos politicamente corretos, retribuindo da pior maneira.

Muitos motivos levavam Francis a ser genial e talvez o maior encenqueiro do jornalismo após o velho Chatô. Ele era inteligente para ser o que quisesse ser... e sustentava, tranquilamente.

Dizia em voz alta o que muita gente pensa baixinho. Não fazia concessões aos judeus, árabes, negros, putas, veados, minorias, a não ser quando precisava delas. Tinha um visível desprezo a quem não era loiro e provavelmente quase rico: brigou com quase tudo o que vive, desde os que rastejam até os mais ou menos poderosos.

Era também um irresponsável. Podia arruinar um camarada apenas para não estragar uma frase de efeito.

Foi um ator de teatro muito ruim, somen-

te se saindo pior como diretor. Destilava muito ódio e veneração pelo teatro, às vezes não se sabia se um ou outro.

Vaidoso e arrogante, não será lamentado como pessoa. Talvez deixe saudades a quem gostava do que ele escrevia e não do que ele pensava; neste caso, pode apostar, eram coisas muito diferentes.

Paulo Francis parecia olhar a Filosofia sempre com suspeita. Não que existisse motivo para suspeitar, era cisma mesmo. Elegeu "*As Origens do Totalitarismo*" como sendo a obra máxima de Hannah Arendt, e fez isso só de provocação. Com Simone de Beauvoir, após elogiá-la, diz que foi escrava branca de Sartre, "Amélia de Beauvoir". Uma total meia verdade, pois Sartre, em toda sua liberdade, pareceu sempre ser muito mais preso a ela.

Isaiah Berlin ele elogiava, claro, porque só se pode elogiar.

Para Francis, Michel Foucault era um cretino... por gostar de Khomeini, ignorar a metafísica de Platão, por escrever mal.

De Freud, embora reconhecesse como a maior influência reflexiva em sua vida, disse que os casos clínicos foram os melhores contos de sacanagem que já leu. Mas jogou aquela lenha quando falou que Freud não acreditava na psicanálise.

Para não deixar dúvidas de que era mesmo um provocador, afirmou que Kierkegaard

é o único filósofo idealista que se pode levar a sério. (Ai!) E coloca Nietzsche no pedestal por ter acabado com Deus e pela influência sobre o pessoal da linguagem. Este é um dos retratos de Francis. Como serão os outros?

Paulo Freire

Paulo Freire... ganhava 700 pilas, mais uns dinheirinhos, e lecionava na Universidade em São Paulo. Aos 75 anos, dizia que trabalhava porque tinha contas a pagar.

Também é verdade, além de viciado em aulas.

Inaugurou seu famoso método lá pelos anos 60. Alfabetizava rápido, tomando tudo o que era familiar à pessoa. Palavras e contextos. Significa respeitar o que a pessoa é, sem a perfumaria. Mas surgiu o Mobral. A política da época era mais fácil que o pessoal soubesse ler sem saber exatamente o que estava lendo.

A ideia de Freire é que a pessoa "*lesse o mundo*", porque ler a palavra qualquer outra lê. Isso que dizer que quando você encontrasse na vida uma placa dizendo: "*é proibido*" - além de entender a mensagem, começaria a querer saber o motivo disso.

Sinceramente, como Freire sobreviveu?

Duas semanas antes de morrer deu uma entrevista ao jornalista israelense Ethan Bronstein.

Aqui vai:

"Insisto: quando falo em educação, falo em intervenção... Minha opção é mudar. A opção de um educador conservador é preservar. A escola é um palco em que ele e eu podemos trabalhar... Como professores, educadores, nós temos que estar engajados num palco de luta pela superação que nós mesmos aceitamos."

A maioria dos professores "concorda" e uma minoria aplica.

Tudo bem considerado, é até promissor que seja assim.

Freire trabalhou muito e parecia cansado. Era um professor que trocou o monólogo pelo diálogo, como fez Platão há 2500 anos.

Paulo Leminski

Com aquela cara de homem fingindo estar interessado no papo de uma mulher apenas porque está com vontade de comê-la, com aquela cara de mulher costurando e bordando pensamento apenas porque está a fim de ser comida por ele, cheguei, caprichei, relaxei, lembrei tudo o que tinha aprendido em Kant e Hegel, repassei toda a história dos quanta, ... o vôo do 14-Bis, cheguei e não perdoei: — *Tem fogo?*"

Isso é Paulo Leminski.

Encontrei Leminski quando ele já estava perto do fim, no Largo da Ordem, em Curitiba.

Leminski era dessas pessoas que ficam parecendo sábias depois que o rosto envelhece. Olheiras mal cobertas pelos óculos e um imenso bigode.

Ali, meio curvado estava o homem que dizia coisas *cult* sobre coisas *cult*, sem encher ninguém. Um cara que tinha tiradas ótimas sobre as menores coisinhas mais comuns do mundo.

Leminskiano até o fim.

Sabe o tipo que tira leite de pedra? E era também adorador de Walt Whitman. Outro que torcia as pedras em leite.

Política

Em 1982, Reagan estava jantando com Figueiredo. Já ia na metade o jantar oficial, quando Reagan resolveu fazer um brinde "*ao povo da Bolívia*".

Dois segundos depois, diante dos sinais de fumaça que amigos enviavam, ele corrigiu dizendo que estava indo para lá depois. Na verdade, a Colômbia - porque a Bolívia nem estava na agenda.

O pessoal se divertia com Reagan.

Nos EUA, alguns acadêmicos diziam que ele não entendia os discursos que lia, mas lia que era uma beleza.

No caso dele, trocar Brasil por Bolívia não chega a ser uma gafe.

Dentre todas as coisas importantes que ele desconhecia, essa certamente não era das mais importantes. Poucos saberiam apontar no mapa a Suécia, a Ucrânia, a Holanda. Não é feio, é apenas a vida.

Reagan veio para tratar de duas ou três necessidades bem acertadas. Pelo resto, respeitosamente, ele não tinha o menor interes-

se. Às vezes ele saía dos EUA pela simples necessidade de não estar lá por uns dias, para não atrapalhar alguma votação importante.

Também poderia ficar, pelo mesmo motivo.

Nossa sensibilidade nacional para alguns deveria ser proporcional à inteligência desses.

Não é o que dizem que nos magoa, mas o que *fazem*. Isso afeta empregos, projetos de vida, faz emagrecer de fome.

Clinton é parecido ao outro, semelhança que fica evidente por ser tão jovem. Não será coincidência então se, passada a crise das bolsas, voltarmos a ser Bolívia.

Políticas

Ieltsin, Lula, Clinton e FHC estão em um avião quando, de repente, incendeia a turbina esquerda.

Lula, ao ver Clinton se distraíndo com a aeromoça e nem aí para o que está acontecendo, tenta apagar o incêndio... soprando.

Ieltsin joga água em Clinton confundindo os fogos.

FHC vigia a outra turbina.

A aeromoça grita. Todos olham para a turbina direita. Mas descobrem que é Clinton avançando o sinal.

Lula quer jogar Clinton para fora do avião e pergunta, desconfiado, onde ele estava quando o fogo começou.

FHC pede calma e diz que vai tomar providências sóbrias, mas diz isso olhando para Ieltsin. Há, então, um princípio de pânico.

Outra aeromoça vem correndo aos gritos dizendo que o piloto desmaiou, e bruscamente pára antes de chegar a Clinton... recuando até a poltrona.

Ieltsin anuncia que vai pilotar. Tenta se aproximar da cabina cambaleando - sendo

seguro à força por FHC e Clinton, a muito custo, porque Lula ora segura, ora solta.

A aeromoça grita. Todos olham para Clinton. Mas é a turbina direita pegando fogo.

O avião sacode ameaçadoramente.

FHC ameaça com medidas sóbrias, o que inclui um livro e medidas fiscais a longo prazo. Mas afirma que tudo vai depender da boa vontade do Congresso.

Ieltsin aproveita para dizer que não renuncia.

Clinton distribui pára-quedas para todos.

FHC salta e se salva; todos observam o pára-quedas abrir.

Ieltsin fala que não salta e não renuncia.

Clinton se despede e pula com a aeromoça, mas esquece de levar o pára-quedas.

Lula pergunta a Ieltsin sobre a hora de saltar.

Ieltsin ri e diz que a hora já passou há muito.

Ele pergunta ao russo porque não tinha avisado e o camarada responde que não tinha avisado porque simplesmente não sabia.

Lula salta imediatamente... com o pára-quedas de Clinton.

Primo Levi

Algumas coisas a gente só descobre muito tempo depois. O efeito pode então ir além do próprio acontecimento.

Falo da morte de Primo Levi, autor de "*É Isto um Homem?*".

Sobrevivente de Lager, assim como Bruno Bettelheim e outros judeus, Levi surpreendia pela suave serenidade de uma sabedoria erguida sobre paciência, paciência, paciência.

Se você viveu algum terremoto existencial em sua vida, muito provavelmente é mais um entre milhões que encontrará alento em um texto como "*A Trégua*".

Levi nos mostrou que é possível deixar uma guerra, aos pedaços, e ir juntando as partes novamente vida afora.

Por tudo isso, seu suicídio gerou perplexidade.

Surgiram interpretações oficiais negando a possibilidade de suicídio, escreveram e falaram tudo o que podiam. Woody Allen colocou Levi em seu filme em um personagem que era o próprio Levi.

A última dúvida se desfez há pouco confirmando o temor da verdade.

O rabino de Roma, Elio Toaff, disse que Levi havia telefonado, pouco antes de morrer, e dito que não suportava mais a vida.

Estava arrasado pelo sofrimento que a mãe vinha enfrentando com o câncer. Vê-la sofrer fazia com que recordasse os horrores de Lager.

Minutos depois dessa conversa, Levi saltou do alto de uma escadaria, em Turim, onde morava.

Os amigos que conheciam sua obra e estavam com ele nos últimos dias confirmam que Levi andava chateado.

E nada mais se soube até a revelação do rabino diante de mais de 500 pessoas, nas homenagens após outro ano da morte deste pensador.

Levi é o tipo de pessoa que quando desaparece do nosso convívio faz com que a gente perceba o quanto a casa ficou maior e mais vazia.

Salinger

Houve um livro que encantou uma época. *"O Apanhador no Campo de Centeio"*, de J.D. Salinger.

Aquela coisa inspirada que surge como resposta ao que se está vivendo, e arrasta nossas vontades.

Acontece que Salinger sempre foi um sujeito quieto, mudo e calado. Fácil de passar invisível em qualquer lugar. Raramente alguma badalação ou perfumaria o tirou de casa, um rancho no interior dos EUA. Cada aparição de Salinger em público seria um evento e tanto, caso ele não tivesse devidamente invisível.

Na década de 70, Salinger era um cinquentão e teve uma namorada, Joyce, que acabou contando todo o namoro de menos de um ano em um livro. O livro é uma droga, mas o sucesso foi grande.

Leio agora em uma revista semanária que Joyce resolveu leiloar na Sotheby's, em New York, as 14 cartas que Salinger escreveu a ela.

A mulher disse à revista que *"prefiro manter meus filhos na escola a guardar uma caixa de cartas de Salinger"*.

... olha, existe algo que causa dor nessa atitude e que relativiza um monte de coisas. Talvez porque certas intimidades, certas roupas e certas lembranças estejam bem no fundo de algum armário. Muita coisa fica bem existencialmente enquanto permanece longe da luz.

Eu tenho a impressão de que as cartas podem ser lidas, rasgadas, guardadas, devolvidas, mas tenho a impressão de que nenhuma deveria ser leiloada. Leiloada não.

Sarney

Sarney chegou ao inferno, juntou meia dúzia de diabinhos e convocou uma CPI dos Bancos.

— *Não temos Bancos aqui* - disse um diabinho desconfiado.

— *Não tem problema. A gente faz um e investiga.*

— *E tudo isso para qual motivo?*

— *Só para mostrar que a gente tá de olho. Depois a gente retira tudo.*

Os diabinhos não gostaram nada. O sujeito mal chegou e já começou a inventar coisa.

— *Veja o nome deste moço direito na lista* - fala um deles.

— *José Sarney, ex-presidente do Brasil.*

— *Ahá!*

— *Mas isso já faz tempo* - se defende Sarney.

— *Cadê aquele outro que chegou ontem?* - perguntou o chefe encarregado.

—*Está derretendo nos fornos...*

—*Tragam já aqui.*

Delfim Netto, meio tostado, mas sempre o mesmo.

—*Não, não!* - grita Sarney e se esconde atrás de um diabinho.

Delfim se emociona ao rever o amigo.

A CPI então é finalmente feita.

A diferença é que por definição não se pode quebrar o inferno, como não se pode quebrar o BB, o Inter...

Sartre cansado

Em fevereiro de 1980, pouco tempo antes de morrer, Sartre deu sua última entrevista. Foi cheia de surpresas, quase como sempre.

Benny Lévy, o entrevistador, conhecia bem as ideias de Sartre; trabalhou com ele. E Lévy foi especialmente hostil durante a conversa; foi sartreano.

Jogou na cara do velho que ele nunca viu o desespero que professou... a angústia e a miséria - que Sartre, como os filósofos da época, vivia através dos outros.

"Nunca senti angústia. Essas são noções chaves da Filosofia de 1930 e 1940. Isso também vinha de Heidegger. São noções que eram usadas o tempo todo, mas que para mim não correspondiam a nada" - diz Sartre.

O homem já vivia a morte que se aproximava.

Reformou algumas de suas opiniões, pareceu se desculpar por outras, e foi mais honesto do que costumava ser.

... a questão é que dizer e ouvir a verdade que vai no peito é um artigo de luxo; não é para todos. Pode fazer um mal terrível à saúde.

Sem-terra

Essa coisa dos sem-terra de invadir primeiro para conversar depois é uma inovação capitalista que chateia neoliberalistas.

Era um costume capitalista conversar invadindo, mas sempre conversando... para que eventuais banhos de sangue pudessem ser explicados depois.

Só que a elite brasileira amadureceu e hoje não sai matando, como anunciava Euclides da Cunha. Quando se enfurece toma de assalto *shoppings* e precatórios. Deixou de lado as terras para invadir gabinetes.

Por isso talvez veja mal aquela gente suada, chinelo de dedo, levando foices à cidade, desfilando pelas ruas de Brasília pedindo um pedacinho daquilo que no fundo não fará falta a ninguém. O sem-terra é um coitado que estranhamente consegue ainda ter dignidade.

Mas a contrapartida também é verdadeira. A elite está assustada, estressada e, para quem a conhece de perto, anda também de coitada a pior.

O inferno é que não há um lugar onde possam se encontrar esses neogregos para fumar um cachimbo da paz. Há muita mágoa, desconfiança, medo dos dois lados. Um não entende o outro, mas fala como se entendesse.

No encontro em Brasília, em um exemplo de cordialidade, o líder dos sem-terras lamentou que FHC deixou de escrever... levando de troco que ele é que não lia mais...

As invasões vão continuar.

Spinoza

Os amigos o deixaram, o pai mandou-o embora, a própria irmã andou roubando o rapaz, e por pouco não foi morto à traição.

"... ninguém com ele deve ter contato com gesto ou palavra, nem por escrito; ninguém lhe deve prestar assistência, nem permanecer no mesmo teto que o abriga?" - dizia o texto que o condenava.

Sabe o motivo?

Ele apenas tinha uma outra ideia de Deus, e acreditava que seu coração tinha o direito à tal ideia.

Mudou-se.

Passou a ensinar em uma pequena escola e a polir lentes.

Fumava cachimbo, caminhava a tardinha em volta dos canteiros e tinha a mente suave apenas por ser o que era. Todos os desenhos que nos chegam mostram um homem triste e tranquilo.

Morreu com menos de cinquenta anos.

Filósofos, professores, teólogos de muitos lugares acompanharam o corpo do mestre. Um cara especial que respeitava o que ia no próprio peito.

A casa onde viveu, perto de Amsterdã, ainda está lá, na rua que agora tem seu nome: Baruch Spinoza.

O filósofo foi uma bula de serenidade.

E o segredo é um só: relação de honestidade entre o que se pensa, o que se diz e o que se sente. Não é uma regra, é apenas mais um segredo que às vezes pode funcionar.

Tempo

Há um tempo que passa e que nos causa arrependimento. Um outro tempo não passa, não passa e não passa. É definitivo, torna os dias iguais, faz a volta do pião que gira, não incomoda e não arrefece.

Há um tempo kantiano.

Há um outro tempo, bíblico.

E há um tempo bergsoniano, que é a mistura dos dois.

Existe o tempo da gente...

Às vezes apressado, como se não tivesse tempo; às vezes, nervoso, não sabe aonde ir. Muitas vezes, ausente.

Como pode estar o tempo ausente?

O tempo ausente é uma composição de silêncio e distração. As coisas ocorrem, a vida caminha, e um dia avançado da existência, dia acanhado entre o outono e o inverno, a pessoa pode se perguntar sobre - não o que fez com a vida - o que fez com seu tempo. Nesse caso talvez agora já sobre bem pouco.

Tem gente que trata o tempo à ponta do pé... como querendo livrar o laço que aperta.

O tempo é confuso a quem se atrapalha na contabilidade existencial dos segundos.

O tempo também ocupa espaço.

Pode fazer a vida estreita, as roupas apertadas, e deixar o relógio desconfortável no pulso. Pode escravizar a pessoa quando cobra, acelera, educa; pode meter medo quando ameaça conceder a si mesmo as grandes quantidades, sem pressa.

Muito folgado ou muito curto ou muito exato, o tempo nos tem como espelhos. Mostramos a ele como somos pelo jeito como usamos e como esquecemos de viver. Para muitos é assim.

Uma fábula

A raposa administrava bem o galinheiro. De vez em quando comia uma galinha, às vezes duas. Depois limpava tudo, distribuía ração, anunciava um feriadozinho qualquer, promovia jogos.

O dono do galinheiro apreciava. Não gostava da raposa, precisava dela para que as coisas andassem bem.

Até que houve um dia quando a raposa se passou nas medidas da comilança.

O dono do galinheiro comprou então um cachorro enorme.

Só que a raposa o mantinha preso, alegando que poderia prejudicar a produção de ovos.

O dono aprovou, desconfiado.

Por via das dúvidas, envenenou algumas galinhas...

A raposa, então, antes de comê-las dava uma provinha ao cachorro, porque afinal era um princípio religioso valorizado dividir alguma galinha com o próximo.

Até que um dia o dono instalou uma CPI no galinheiro.

Uma investigação demorada, transmitida pela TV Senado para o galinheiro.

Logo chegou-se à conclusão evidente de que o cachorro era o culpado. Algumas galinhas, assustadas, acusaram a si mesmas. Depois descobriram até um velho porco que vivia nos fundos do galinheiro e que se alimentava de sobras. Foi preso na hora.

Resta que o dono do galinheiro e as galinhas se deram por contentes e se acalmaram. A CPI terminava. Houve festa. Comeram o porco e dançaram até bem tarde.

A raposa fez um discurso emocionado acabando, teatralmente, por beijar um pintinho - lambendo discretamente os lábios. Decidiu baixar alguns impostos.

E assim, com todas essas mudanças, as coisas puderam seguir solenemente as mesmas.

Umberto Eco

Em "*O Nome da Rosa*", lá por tantas, Umberto Eco coloca que "*uma vez Santo André referiu-se à cruz do Gólgota dizendo-a adornada pelos membros de Cristo como de pérolas*".

Assim como a reforma fiscal que tarda e não vem enfeitar nossas mesas com o feijão, pérolas negras que faltam à mesa e sobram em nossas preocupações.

A cruz do Gólgota brasileira começa em Rondônia e vem descendo até chegar a um super lucro dos Bancos ilhados por desemprego.

Enfeitamos nosso tempo com um sentimento cada vez menos estranho de que talvez o natural seja que as coisas nunca dêem certo. Talvez seja assim mesmo... Com nossa fantasia desfilando no adorno incrustado na cruz. Uma sucessiva evolução de cruz em cruz.

Cada brasileiro parece saber o quão pouco é necessário.

Mas por que ingenuamente parece ser assim tão difícil?

Acreditou-se durante tanto tempo no que

significa ser brasileiro que agora o comportamento é exatamente tal e qual.

... certos brilhantes podem decorar uma cruz acentuando formas e relevando a mensagem; e, "semioticamente" falando, brilhantes que podem ser convertidos em sacos de feijão *fazem*, o significado da mensagem correr seus sérios perigos.

O duro é que ainda sobra muito tempo para se fazer nada.

Victor Frankl

Victor Frankl morreu. Mesmo quando ele vivia, já sentíamos saudade dele. As ideias de Frankl eram simples e fundas. Ele pregava que o ser humano precisa de um lugar para ir e de uma razão para existir -nem que seja a de odiar o próximo como a si mesmo.

É preciso um motivo para respirar!

Ele era psicanalista, que ninguém se engane (por causa de sua fé)... mas ele falava dos caminhos de Deus. Victor era uma espécie de psicanalista teólogo. E talvez ele fosse um teólogo apenas.

Frankl também sofreu os horrores do nazismo sem ter-se tornado nazista por isso, o que aconteceu muito. Usou o sofrimento da miséria que viveu em campos nazistas para fortalecer a alma, enquanto o corpo se arrastava. Ele viu amigos morrendo, ele perdeu várias vezes tudo o que mais amava. E a cada golpe esse homem se ergueu outra vez: cada traço de seu rosto mostrou isso.

Alcançou uma unanimidade rara com o trabalho que realizou. Salvou muita gente da lama existencial. Ele socorreu muitos desgraçados de alma.

Wittgenstein

Wittgenstein era alérgico a conversadores fáceis de época. Pensava que cada um inventa seu inferninho, conforme as encrencas que vai criando.

Se a garota acha que vai ser feliz no casamento porque se compara à Barbie; e ainda àqueles tipos que não entendem que não se fuma no elevador... tudo isso confirma o que Wittgenstein e seus amigos filósofos do Círculo de Viena pesquisaram.

Eles não tinham mais paciência para aguentar teoria. Acreditavam que os problemas se resumem nisso: problema = cabeça repleta de teoria.

"Jogos de Linguagem" é como o filósofo austríaco chama essa questão.

Se o sujeito não passa fome, frio, ainda não está desempregado, não tem nenhuma doença brava, é provável que tenha se metido em confusões que inventou para si mesmo. Tem gente que é especialista em criar táticas para ficar se torturando.

... já quase foi o tempo em que o sujeito que não tinha nada a dizer provava isso em três volumes.